

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

CINTYA TEIXEIRA LUCAS

SER DOCENTE EM CONSTRUÇÃO: UM SER INACABADO

VITÓRIA

2021

CINTYA TEIXEIRA LUCAS

SER DOCENTE EM CONSTRUÇÃO: UM SER INACABADO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial de obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Erineusa Maria da Silva.

VITÓRIA

2021

CINTYA TEIXEIRA LUCAS

SER DOCENTE EM CONSTRUÇÃO: UM SER INACABADO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial de obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Erineusa Maria da Silva.
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Rosianny Campos Berto
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Souza Sofiste

AGRADECIMENTOS

Ao chegar no final dessa etapa, não teria como deixar de agradecer. Começo agradecendo primeiramente a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Obrigada Deus por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos amigos, agradeço por terem compreendido minha ausência quando sei que para vocês minha presença seria muito importante.

A minha família, em especial os meus pais, Elisabeth e Walter, minha irmã Sabrina e sobrinha Thayla Victória. Agradeço pelo apoio físico quando eu tinha que ficar acordada de madrugada estudando e vocês ficavam se obrigando a ficar acordados comigo. Agradeço pelo apoio psicológico quando eu pensava em desistir e vocês me falavam que tudo iria dar certo, que era só ter fé em Deus que logo iria passar e minha vitória chegaria.

Ao meu esposo Adones, que teve paciência comigo quando eu tinha que “trocar” ele pelos estudos, que tomava conta da nossa filha pra eu finalizar a escrita do meu tcc e por estar comigo sempre nos momentos de alegria, de tristeza e de surtos de ansiedade. Meu muito obrigada!

Aos professores do CEFD, que puderam compartilhar seus conhecimentos, nos provocando sempre a ser um profissional reflexivo.

A minha orientadora Erineusa, pelo suporte em pouco tempo que lhe coube, por não desistir de mim, pelas suas correções e incentivos.

A professora Ana Flávia que foi minha preceptora do programa Residência Pedagógica, muito obrigada pelos ensinamentos, vivências e experiências que pudemos compartilhar juntas.

A professora Rosianny pelo aceite em participar da banca, dotada de conhecimento, trazendo contribuições fundamentais que impulsionam meu desejo em tornar me docente.

A todos vocês, gratidão sempre!

RESUMO

Este trabalho encontra-se vinculado ao Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem como objetivo analisar a experiência docente vivida em um Programa de Residência Pedagógica promovido pela UFES, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este programa tem como fundamento o aprimoramento da formação prática de estudantes trabalhadores no contraturno da aula. No desenvolvimento teórico, buscou-se realizar diálogos com Paulo Freire a partir do conceito de educação libertadora, repensando a formação e a prática docente como processos inacabados. Quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa, nossa proposta concentra-se no desenvolvimento de um memorial como relato histórico e reflexivo, em que teoria e prática relacionam-se na compreensão da realidade inserida, expondo os desafios da prática docente. Apesar das dificuldades encontradas nesta experiência, foram utilizadas práticas autônomas de ensino que, em conformidade com a educação libertadora freiriana, produziram uma participação mais efetiva e um intenso protagonismo estudantil nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas; Educação Física; Educação Libertadora; Protagonismo Estudantil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Queimada no cone.	21
Figura 2- Muro do Jogo Queimada "O muro"	22
Figura 3- Jogo Queimada "O muro".....	23

SUMÁRIO

1 SOBRE A PESQUISA	7
2 UMA PROSA COM PAULO FREIRE.....	9
3 TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS.....	11
3.1 OS MUROS DE UMA UNIVERSIDADE SEM MUROS: DIFICULDADES E DESAFIOS DE CONCILIAÇÃO DO ESTUDANTE TRABALHADOR	14
4 A EXPERIÊNCIA DOCENTE.....	16
4.1 AS PRÁTICAS DE ENSINO DESENVOLVIDAS AO LONGO DO PROJETO.....	19
5 SER DOCENTE EM CONSTRUÇÃO.....	23
6 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

1 SOBRE A PESQUISA

Vinculado ao Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo, este memorial visa analisar a experiência docente vivida no Programa de Residência Pedagógica promovido pela UFES em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). A pesquisa compreende 5 etapas, sendo descritas neste momento.

A primeira etapa refere-se à configuração da pesquisa, através da apresentação dos objetivos gerais e específicos, a metodologia utilizada no trabalho, as fontes bibliográficas e o desenvolvimento da pesquisa.

A segunda etapa apresenta o memorial que conta a minha história de vida, dificuldades, trajetória com a educação e o início do desejo de tornar-me docente.

A terceira etapa apresenta um diálogo inicial com Paulo Freire, compreendendo os pressupostos de uma educação liberadora, bem como os papéis representados pelo educando e educador na educação dentro de uma educação bancária que precisam ser superados.

Na quarta etapa da pesquisa, dar-se-á apresentação e discussão das vivências no Programa Residência Pedagógica, revelando as dificuldades da prática docente, os desafios superados e métodos de ensino e aprendizagem empregados.

Na quinta e última etapa, foi construída uma discussão com as pesquisas que revelam ser a prática docente um processo inacabado, levando em consideração, principalmente, uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo, avaliando 12 professores de Educação Física da Rede Pública de Ensino do Município de Vitória – ES.

A metodologia empregada na pesquisa refere-se no desenvolvimento de um memorial, tendo em vista construir um relato histórico e reflexivo da prática docente levando em consideração as experiências vivenciadas ao longo da trajetória, em que teoria e prática relacionam-se na compreensão da realidade.

Para tanto, o objetivo geral da pesquisa compreende realizar uma análise da experiência docente vivida no Programa de Residência Pedagógica, no curso de Educação Física.

Quanto aos objetivos específicos, compreendem: aprender e avaliar o conceito de educação libertadora de Paulo Freire, bem como discutir o papel do educador na formação do educando; realizar breve memorial sintetizando as experiências vividas na formação do ser sujeito; uma análise da experiência docente no programa de residência pedagógica, levando em consideração os desafios e dificuldades; discutir e aprofundar a temática da docência como projeto inacabado.

As pesquisas bibliográficas que compõe este trabalho foram retiradas de plataformas Scielo, Google Acadêmico e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertação (BDTD).

2 UMA PROSA COM PAULO FREIRE

Para início de conversa, esse tópico realizará um diálogo entre o conceito de educação libertadora de Paulo Freire e o desenvolvimento deste memorial.

Nessa medida, devemos lembrar que o conceito foi exposto por Freire dentro de uma perspectiva que visava o fim do analfabetismo. Entretanto, trata-se de uma base metodológica importante para repensar as práticas de ensino, através da construção de uma educação humanista.

Para Freire (1986), a educação é constituída sobre duas correntes, sendo: a educação bancária, na qual reflete a sociedade opressora e discriminatória; e a educação libertadora, que tem como fundamento a transformação do mundo em que se vive por partindo do próprio educando.

Nesse sentido, a educação bancária compreende que o/a aluno/a é uma tábula rasa receptora dos conteúdos ensinados pelo/a professor/a, isto é, o/a estudante se trata de um ser dotado de ignorância e o/a professor/a de conhecimento. Assim, Freire buscou trabalhar com uma educação que revelasse uma perspectiva humana e libertadora dos sujeitos, isto é, a educação libertadora compreende que o educando é capaz de repensar a própria realidade e fazer uma crítica sobre a mesma, através da sua história e da sua cultura, pode transformar as relações nas quais lhe foram impostas.

Assim, busquei encontrar nos escritos de Paulo Freire passagens que permitissem revelar a importância deste trabalho. Meu contato com Paulo Freire foi no primeiro período da Universidade, na matéria de Educação Física, Formação Docente e Currículo, onde pude repensar as relações de uma educação com base humana, e refletir sobre todos os processos vividos, que deram constituição a este memorial. Repensar as relações de uma educação com base humana, é refletir sobre todos os processos vividos, que deram constituição a este memorial. Minha trajetória, desde a infância à vida adulta, foi marcada por extensas dificuldades ao longo do caminho.

Hoje, como discente no processo de formação docente, posso perceber que percorro uma estrada inacabada. O ato de aprender e ensinar constituem a formação do ser humano em si, em qualquer idade. Me aproximar das estruturas freirianas da

educação é reavaliar a forma com que enxergo meus educandos e uma autoavaliação enquanto educadora.

Repensando as práticas docentes, para Freire, educador/a e educando estão em uma relação de simbiose, isto é, em comunhão com o aprender e o ensinar. O/a educador/a ensina enquanto aprende. Por isso, Freire compreende que o diálogo e a ação são pilares fundamentais, pois são geradas críticas e problematizações em situações que não desvinculem a vida dos educandos do conteúdo em que se é ensinado.

Refletir, reavaliar e reaprender são atos que sobrevivem da própria formação docente. Nesse sentido, Rocha e Junqueira (2013) afirmam que um dos grandes desafios da educação libertadora é ainda o de trabalhar propostas que consideram os aspectos da crítica reflexiva, aos quais preparem para o enfrentamento das desigualdades sociais presentes na sociedade. Buscar esse diálogo é fundamental, tendo em vista que, a minha trajetória foi marcada pelas dificuldades impostas pelas desigualdades vividas por uma estudante negra, pobre e pertencente à classe trabalhadora.

A educação em Freire, de acordo com Ecco e Nogaro (2015), é regida por princípios nos quais permitem a reciprocidade entre as pessoas e a elaboração e apropriação crítica da realidade pelos/as educandos/as, bem como pelos educadores/as.

Essa educação é, portanto, composta por um processo de humanização, Ecco e Nogaro (2015) afirmam que a teoria freiriana para refletir a respeito da educação, há de se pensar, na mesma medida, em refletir a respeito do ser humano, pois é nele que existe o processo educativo. Esse ser humano seria para Freire inacabado aspirando a ser mais através da educação.

A educação é um caminho para a mudança e transformação social, através de formas de emancipação individuais e coletivas. Tendo, portanto, um papel fundamental para a construção de uma sociedade mais democrática, justa, afetiva e solidária, que pereça com as desigualdades e fortaleça a autonomia dos diferentes sujeitos.

É na perspectiva de uma educação que humanize sujeitos, que darei início a este memorial, constituído por passagens e memórias da minha vida. Teorias, métodos, planejamentos e incertezas marcaram minha história e a primeira experiência como discente em formação.

3 TRAJETÓRIA E MEMÓRIAS

Para entender como cheguei até aqui, faço uso das minhas próprias memórias, voltando há um passado que estava adormecido. Conforme nos ensina Cunha (2015, p. 174), “[...] reconhecemos que aprendemos com o vivido e que nossas trajetórias podem ser um marco de reflexão [...]”. Sendo assim, parto do pressuposto de que é preciso ter um olhar reflexivo das minhas ações desde a minha infância, até a decisão de fazer um curso de licenciatura e as experiências por intermédio dele vivenciadas.

Escrever esse memorial foi gratificante, pude contar um pouco sobre minha trajetória escolar desde o jardim de infância, a passagem pela educação infantil e, assim, até os meus dias presentes na Universidade. Relembro também os motivos dentre os quais escolhi o curso de Educação Física – Licenciatura, bem como todas as dificuldades encontradas nesta curta jornada. Além disso, compreender a minha história impacta na minha formação docente.

Nasci no ano de 1991, na cidade de Vitória – ES, em uma família de quatro pessoas, eu, meus pais e minha irmã. Tenho poucas lembranças dessa passagem da minha vida, dentre essas memórias, estão presentes as brincadeiras de rua, cantadas, brincadeiras com bola e os “piques”. Enquanto no momento político do país, os jovens “caras pintadas” saíam às ruas, a fim de reivindicar o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello no ano de 1992¹.

Dado o momento político, minha mãe, profissão babá, adentrou a estatística do desemprego quando foi demitida. Meu pai, por sua vez, começou a trabalhar em uma empresa no ramo da energia elétrica que, por sua vez, possuía convênios com algumas escolas particulares, dentre elas o colégio SESI, Centro de Atividades José Tarquínio Silva, localizada em Jardim da Penha, município de Vitória – ES. Devido a este convênio, pude adentrar o ensino privado, estudando nesta escola durante o jardim de infância até uma parte do ensino fundamental.

¹ Fernando Collor de Mello, foi o primeiro Presidente a ser eleito de forma democrática, após a Constituição Democrática de 1988. Suas ações governamentais, o chamado “Plano Collor”, não agradou a maioria dos brasileiros, o que acarretou uma recessão na economia, gerando assim uma insatisfação da população e posteriormente seu impeachment.

Conforme posto, eu fiz parte de uma parcela mínima da classe social mais baixa que pôde alcançar o ensino privado. Pude, portanto, realizar o sonho de muitas crianças brasileiras, ainda que enfrentando obstáculos nessa passagem.

Dentre as brincadeiras preferidas, ser professora é a que me traz as melhores recordações. Neste momento, buscarei relatar minha vida escolar através dos conflitos e descobertas, realizando reflexões na passagem dos anos.

Dei início à minha trajetória escolar no ano de 1994, aos três anos de idade. Da educação infantil à 6ª série do ensino fundamental, fui aluna da Rede Sesi, na cidade de Vitória.

A rotina na escola me trazia felicidade, participava de todas as apresentações de dança para as famílias que aconteciam na escola. Tive também contato com o esporte, que foi um grande aliado para minha decisão em cursar Educação Física mais tarde. Contudo, não tinha a sensação de caber naquele lugar, pois a escola era situada em um bairro nobre da Cidade, logo, meus colegas pertenciam à uma classe social distinta da minha. Minha cor de pele e meu cabelo também pareciam dissemelhantes a aquela realidade.

Muitos rótulos me foram impostos pela condição social. A respeito disso, Antônio Pádua (2018) relata que há um “padrão socialmente aceito” que é responsável por distanciar o negro do mercado de trabalho. Nessa medida, quando há a criação de um padrão de cabelo, roupa e comportamento, a sociedade passa a contestar aquilo que é diferente. No meu caso, negra e de família pobre, me sentia rejeitada naquele espaço, nunca pertencente.

Com o passar do tempo meu pai foi demitido do emprego que nos fornecia aquela educação. Eu e minha irmã, portanto, tivemos de estudar no colégio público mais próximo de casa. O EMEF Izaura Marques da Silva, localizada no bairro periférico Andorinhas, nos acolheu e permanecemos por lá até o fim do ensino fundamental.

Na rede pública, mais plural e diversa, pude perceber que o nível de reprovação era superior ao colégio particular. Esta percepção me levou a questionar e refletir os motivos dentre os quais haviam na escola pública um alto índice de reprovação. Claramente, a desigualdade social é um fator determinante para o bom ou mau desempenho escolar do aluno/a.

Esse fato acima mencionado me faz refletir sobre o ingresso de alunos/as da rede pública de ensino nas Universidades Federais, já que grande parte desses/as alunos/as convivem com a violência, pobreza, marginalização e discriminação, devido à falta de implementação de políticas públicas por parte do Estado, fazendo com que a Universidade se distancie da realidade desses alunos.

Apesar das dificuldades vivenciadas ao longo da vida, devido a minha condição social e financeira, acreditei que poderia tornar o sonho de estudar na Universidade uma realidade. Foi quando tive contato com o Handebol ainda no ensino fundamental na escola pública, a influência do esporte e a vontade ser educadora me levaram a querer me tornar uma professora de Educação Física.

No ano de 2005 me tornei atleta. Participei dos Jogos Estudantis da Rede Municipal de Vitória, tendo sido convidada a participar do time de Handebol de um projeto de extensão na Universidade Federal do Espírito Santo, através do curso de Educação Física. No entanto, não pude aceitar o convite pois trabalhava no período da tarde como jovem aprendiz, já que os horários dos treinos conflitavam com meu expediente na empresa.

Aos 14 anos conclui o ensino fundamental, no ano de 2005, adentrando o ensino médio no ano seguinte, em 2006. Passei a estudar em um colégio público da rede estadual de ensino, no período noturno, pois trabalhava na parte da manhã e frequentava um curso de informática na parte da tarde. As séries noturnas não contavam com a disciplina de Educação Física, fazendo com que eu me distanciasse da amada disciplina e do esporte. Também pude perceber que havia uma grande desvalorização quanto ao curso de Educação Física.

Além disso, dois anos depois, o noticiário Folha de Vitória (2018) fez uma matéria mostrando que os/as professores/as da rede pública de ensino de alguns municípios do Espírito Santo reivindicavam perdas salariais em torno de 57%, momento em que, lutavam pela reestruturação do plano de cargos e salários, melhores condições de trabalho, entre outros requerimentos visando a valorização da classe. Essa notícia fez com que fosse enfraquecida a minha vontade de cursar a Educação Física.

No terceiro ano do ensino médio, ingressei em um cursinho preparatório para o vestibular, com a influência da minha mãe e levando em consideração os momentos em que percebi a desvalorização dos/as professores/as em nosso Estado, decidi

prestar vestibular para o curso de Arquitetura e Urbanismo na UFES. Mesmo com muita dedicação e estudo, não fui aprovada.

Após terminar o ensino médio, comecei a cursar Técnico em Administração, com duração de dois anos, trabalhando durante o dia e estudante no período noturno.

No ano de 2011, comecei a trabalhar em uma empresa do ramo de medicina diagnóstica, mas ainda sonhava com a docência. Após 5 anos de formada no curso Técnico em Administração, decidi voltar a estudar e me preparar para o vestibular buscando a minha tão sonhada vaga na Universidade.

Somente em 2015 é que realizei o vestibular para o curso de Educação Física Licenciatura, na Universidade Federal do Espírito Santo e fui aprovada. A alegria da minha família foi contagiante, pois fui a primeira a conquistar uma vaga em instituição pública superior de ensino.

A minha conquista abriu esperança para mais pessoas da minha família, que também passaram a buscar uma vaga na Universidade. Tornei-me, desde então, uma docente em um processo inacabado de formação.

3.1 OS MUROS DE UMA UNIVERSIDADE SEM MUROS: DIFICULDADES E DESAFIOS DE CONCILIAÇÃO DO/A ESTUDANTE TRABALHADOR/A

Diante das conquistas, a primeira dificuldade surgiu em relação ao período integral da grade curricular do curso de Educação Física Licenciatura, como eu poderia trabalhar e estudar integralmente? A realização do sonho estava perto, contudo, o trabalho era responsável pelo meu sustento.

Iniciado o período letivo do curso, pude perceber que a maioria das aulas aconteciam pela manhã, o que me propiciou conciliar com meu trabalho, na parte da tarde. Entretanto, as adversidades manifestaram-se mais uma vez nos períodos de prova, cheguei a ter algumas reprovações durante o curso pela falta de tempo e cansaço para estudar.

Em outros momentos, surgiram vagas de estágio que me trariam as primeiras experiências na docência. Entretanto, não era possível abandonar o trabalho para me dedicar aos estudos e nem participar das atividades de um estágio.

Essas experiências me faziam refletir sobre os muros da Universidade, não criados pela Universidade em si, mas por um sistema estrutural econômico e social que impossibilita a participação dos sujeitos mais vulneráveis as atividades acadêmicas. Não faço neste tópico uma crítica à Universidade, acredito que as Universidades brasileiras cumpram exemplarmente o tripé acadêmico de ensino, pesquisa e extensão, há um mundo novo com milhares de oportunidades para serem explorados dentro desse espaço. Contudo, nós, alunos/as trabalhadores/as, acometidos pelas desigualdades sociais, enfrentamos dificuldades nas quais nos afastam, durante toda a graduação, do sentimento de pertença para com aquele espaço.

Sampaio e Cardoso (2011) mostram que o trabalho do estudante é responsável por prejudicar o desempenho nas atividades que contam com seu aprendizado, reduzindo o grau de envolvimento desses alunos com o ambiente acadêmico. Nesse sentido, só pude me envolver com a experiência docente na disciplina de estágio obrigatório, momento em que ao invés das aulas na Universidade, nos dirigíamos às escolas para experenciar e assumir a prática.

O estágio obrigatório foi sem dúvida um divisor de águas na minha vida, pude perceber que a minha realização pessoal se encontrava na docência, no chão da quadra das escolas.

4 A EXPERIÊNCIA DOCENTE

Impostas as dificuldades anteriormente mencionadas, até o ano de 2018, eu não havia participado de nenhum programa ou projeto da Universidade, tendo em vista a necessidade de trabalho. Contudo, neste mesmo ano, cursava o 6º período do curso e tive contato com o Programa de Residência Pedagógica, uma parceria da UFES com a CAPES. Estudantes que trabalham no contraturno das aulas tiveram a possibilidade de ingressar em um programa da Universidade.

O programa Residência Pedagógica tem por objetivo impulsionar o aprimoramento da formação prática nos cursos de licenciatura, proporcionando inserção do licenciado na escola, atuando como professor de Educação Física. Sendo assim, tive a oportunidade de experienciar, pela primeira vez, a docência em Educação Física, em uma escola da rede pública de ensino localizada no Município de Vitória, no Espírito Santo.

As adversidades também se fizeram presentes no campo, me questionei sobre a escolha em ser professora mais uma vez, depois de tantos anos. Os desafios implicavam: aulas planejadas que não eram concluídas; estudantes que se recusavam a participar das aulas; inexistência de novas ideias; entre outras.

A primeira turma em que ministrei as aulas do programa foi o terceiro ano do ensino fundamental, nas séries iniciais. A faixa etária dos/das estudantes concentrava-se em 8 e 9 anos, advindos de classes econômicas mais baixas.

Durante todo o processo tive auxílio da professora preceptora da escola que era vinculada ao Programa Residência Pedagógica, que me apoiava nos planejamentos das aulas para a turma. Dispondo de suas experiências anteriores pudemos dialogar sobre as metodologias das aulas e como trabalhar aulas com uma perspectiva mais lúdica. Mas a mim era designada a responsabilidade da transmissão e do estímulo a ressignificação do conteúdo, bem como, lidar com os/as educandos/as. Não me sentia pronta para assumir tal responsabilidade, em meus planejamentos levava em consideração planos de intervenção nas aulas, melhorias e como chamar atenção dos/as meus/minhas alunos/as.

O currículo acadêmico prevê que o graduando possa experimentar o conhecimento e aplicá-lo na prática, buscando resolver os problemas cotidianos em sala de aula. Contudo, quando saímos do campo teórico para enfrentar a prática, uma nova realidade é por nós vivenciada.

A inter-relação entre teoria e prática pode ser melhor compreendida quando passei a exercitar e dialogar com as teorias estudadas no campo acadêmico. Não se tratou de uma tarefa fácil, mas a prática me fez repensar o ensino da educação física e a realidade na qual estava lidando.

Com isso, Schön (2000) aborda a expressão reflexão – na – ação, demonstrando que a teoria se articula dialeticamente (diálogo e/ou argumentação) com a prática, não podendo separá-las, ou seja, não existem soluções prontas para o ocorrido, o que existe são habilidades, e respostas para essas ações de forma espontânea, através da improvisação.

Pretendo chamar atenção neste trecho anterior, mostrando que, a docência é sempre exercida dentro de um processo de ensino e aprendizagem, como situou Freire, na educação liberadora. A tarefa docente compreende a atenção e cuidado, desenvolvendo estratégias que serão responsáveis por mediar, facilitar e articular o conhecimento, provocando o aluno a tornar-se pesquisador dentro da própria realidade em que está inserido.

O papel do professor deve ser ampliar o conhecimento a partir de uma metodologia, como situa Schön (2000), fazendo com que o estudante seja capaz de desenvolver o diálogo e refletir sobre a ação ocorrida. O ato de ensinar, não pode ser uma simples forma de transmissão de conhecimento, a reflexão sobre a ação também é uma forma de diálogo.

Como acima posto, a prática docente não é fácil, requer desenvoltura e habilidades para ressignificar a teoria apreendida ao longo da formação. Por diversas vezes, através do medo, pensei em desistir, principalmente nos momentos em que elaborei materiais, planejei por horas como ocorreriam as minhas aulas, busquei atividades que levassem em conta a segurança e o envolvimento do aluno, mas não havia reciprocidade e interesse por parte desses.

Todas as adversidades da prática me fizeram compreender que o saber docente é inacabado, cada turma possui aptidões diferentes, cada aluno é único e a arte da prática docente está no cuidado com a diversidade e a metamorfose advindas da dissemelhança de tais.

As vezes em que errei, me fizeram repensar e buscar novos caminhos, me tornando uma professora aluna, que aprende ensinando e ensina aprendendo. Selma Garrido Pimenta (2002) mostra frente a novas situações que fogem da rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novas oportunidades, dentro do processo de reflexão na ação.

Busquei transmitir em sala de aula as experiências que marcaram a minha infância. Esportes de rua, brincadeiras e piques destacavam-se em minhas aulas. Contudo, em alguns momentos tornaram-se cansativas, repetitivas e monótonas, tendo que mais uma vez buscar formas de se reinventar como docente.

Mesmo com adaptações nos jogos, notei que os/as estudantes ficavam dispersos com poucos minutos de aula. As aulas eram ministradas em um pátio interno, em frente ao refeitório, pois ao mesmo tempo que tinha aula para os/as alunos/as do fundamental 1², havia também aulas para os/as alunos/as do fundamental 2³ e, com isso, conseqüentemente, a quadra acabava ficando para os alunos do 6º ao 9º ano, atual ensino fundamental 2.

Diante disso criei maneiras de intervenção, onde os/as alunos/as passassem a fazer mais parte da aula, ou seja, os próprios estudantes tinham autonomia de criar jogos voltados ao handebol, ditar regras, cada aula um/a aluno/a ficava responsável por ser o/a juiz/a do jogo, contando com um auxiliar para anotar a pontuação, capitães de times, entre outras maneiras de expressar o protagonismo infantil. Esse protagonismo vai de encontro a educação libertadora proposta por Freire, a autonomia revelou grande participação e envolvimento dos/as alunos/as na aula.

Quanto ao protagonismo infantil, Mariangela Schineder (2015) mostra que a criança é alguém potente, pois cria formas de se comunicar e relacionar com o mundo vivido,

² Fundamental 1: Refere-se aos anos iniciais do ensino fundamental. São turmas do 1º ao 5º ano, que contém estudantes teoricamente de 6 a 10 anos

³ Fundamental 2: Refere-se aos anos finais do ensino fundamental. São turmas do 6º ao 9º ano, que possuem estudantes teoricamente de 11 a 14 anos.

proporcionando autonomia nas decisões da vida e nos processos de ensino e de aprendizagem vividas por ela na escola.

Além disso, passei a conquistar maior confiança dos/as estudantes, com participação ativa nas aulas, criando um ambiente mais agradável na escola e em nossas aulas. Pude perceber com essa experiência que aquele era o lugar que eu queria estar.

4.1 ALGUMAS PRÁTICAS DE ENSINO DESENVOLVIDAS AO LONGO DO PROJETO

Neste tópico, busquei lembrar algumas das práticas e atividades adotadas ao longo das aulas da residência pedagógica. Saliento que, nestas atividades, houve uma participação coletiva para desenvolvimento dos jogos, em que os/as alunos/as participaram ativamente tanto nas decisões sobre as regras do jogo, quanto na participação ativa como jogadores/as.

Um dos jogos realizados com os/as alunos/as foi o jogo dos dez passes, onde pude trabalhar o esporte handebol. A dinâmica do jogo consistia em duas equipes onde em um espaço delimitado, essas equipes trocavam dez passes entre si, uma com a outra. A equipe só perdia quando um/a jogador/a do time oposto interceptasse a bola ou se o time concluísse os dez passes.

Outra brincadeira que os/as estudantes trouxeram e que pudemos trabalhar foi a queimada salva vidas, que constituía na brincadeira da queimada tradicional. Porém com a adaptação de arremessar com uma das mãos e se atingisse o/a jogador/a do time oposto, podia salvar um/a jogador/a “queimado/a” do seu próprio time, trabalhando assim o arremesso e a recepção da bola.

Na figura 1, abaixo, a atividade queimada no cone foi desenvolvida com o auxílio dos/as estudantes.

Figura 1 - Queimada no cone.



Fonte: Autora (2019).

Para desenvolvimento dessas atividades, busquei vídeos no Youtube que aflorassem a minha criatividade, antes de levar as sugestões para os/as alunos/as. Encontrei, portanto, o professor Geraldo Brunelli, natural da Cidade de Castelo – Espírito Santo, no qual ministra aulas de Educação Física e, faz vídeos para a internet descomplicando o esporte, ensinando os passes, arremessos, saltos e bloqueios, como no caso do handebol, de madeira didática.

Além disso, uma das aulas mais marcantes ministradas na Residência Pedagógica foi o jogo intitulado queimada de muro. A ideia partiu justamente dos vídeos encontrados no Youtube, sofrendo adaptações com auxílio dos/as alunos/as, como apresentado na Figura 2. O esporte handebol era praticado com obstáculos, chamados de muros, feitos com caixas de papelão.

Figura 2- Muro do Jogo Queimada "O muro"



Fonte: Autora (2019).

As aulas sequenciais foram planejadas a partir da experiência com o jogo o muro. Separei materiais como caixas de papelão, tintas, tesouras sem ponta, fita adesiva, lápis de cor, giz de cera, canetinha, entre outros e, com ajuda da professora preceptora, dividimos as tarefas entre os/as estudantes, nos quais escolhiam o que iriam fazer. Sendo assim, um grupo ficou responsável por colar às caixas de papelão, até formar um pequeno muro, enquanto o outro grupo era responsável por colorir e desenhar o muro feito pelo primeiro grupo.

Durante o jogo, algumas intervenções eram realizadas pelos/as alunos/as, como o local de posição do muro, haviam juízes e as regras eram sugeridas na medida em que o jogo acontecia. Abaixo, na Figura 3, apresentamos um momento em que os/as estudantes/as estão jogando e o muro criado por eles/as próprios/as.

Figura 3- Jogo Queimada "O muro"



Fonte: Autora (2019)

Estes foram alguns dos momentos experienciados ao longo do Programa de Residência Pedagógica, local em que dei início à prática docente. A passagem no programa teve grande importância para que eu pudesse de fato saber que a docência é um processo de construção inacabado, na medida em que, compreendi que as disciplinas estudadas ao longo da graduação não eram suficientes para que eu pudesse me tornar uma boa educadora.

Além disso, a prática me desafiou a enxergar os/as estudantes como sujeitos autônomos, livres e diversos, que tinham papel fundamental para que as aulas obtivessem êxito. Portanto, não dependia só da Universidade em que estudei, nem das matérias que estudei, mas dos conhecimentos e a criatividade dos/as alunos/as que eram pertinentes durante a realização das aulas.

Pretendo, no próximo tópico, discutir e mostrar que esta é somente mais uma etapa da minha construção docente, inacabada.

5 SER DOCENTE EM CONSTRUÇÃO

Neste tópico, busco realizar um diálogo com outras pesquisas que mostram a docência como um processo de construção inacabado do ser.

Sendo assim, o primeiro artigo que trago para a reflexão é *Formação do professor: um processo inacabado*, de autoria de Vantoir Roberto Brancher e *et al* (2005). Neste artigo, os autores mostram que o campo educacional é cercado por teorias, métodos, planejamentos e outras certezas, que são trabalhadas como máximas educacionais, mas que também, são alvos de inúmeras críticas e reflexões. Essas atitudes, são, para os/as autores/as, um tanto desgastantes inicialmente, mas com o passar do tempo, somos capazes de reconhecer mudanças significativas em nossas práticas educacionais (BRANCHER *et al*, 2005).

Além disso, os/as autores/as também salientam a impossibilidade de construção de um professor no processo bancário de ensino, como sugerido por Paulo Freire e apresentado neste trabalho anteriormente, tal como a inutilidade de um professor com vasta formação pedagógica na qual não supre as necessidades básicas dos seus educandos (BRANCHER *et al*, 2005).

Os/as docentes são constituídos por suas vivências individuais e coletivas, dentro de um sistema: escola, universidade, grupo de estudo, família, bairro, locais em que formamos e somos formados (BRANCHER *et al*, 2005). Nessa perspectiva, revela-se que a docência é um processo humano e humanizador, tal como as sugestões freirianas de um modelo de educação.

Brancher *et al* (2005, p. 19) enfatizam que “É necessário perceber os professores como profissionais do ensino e como sujeitos incompletos, inconclusos e, portanto, constantemente em formação”. Compreender a docência como um processo humano e inacabado, é permitir que nossas práticas sejam constantemente revistas e reavaliadas, levando em consideração que a nossa visão crítica levada a escola é geradora e responsável por uma sociedade plural e diversa.

A busca por novos saberes, como salienta Rosiane Aires Queiroz *et al* (2014) é um dos caminhos indispensáveis na construção do conhecimento, pois é por intermédio desta que são suscitadas novas respostas, produzidas através de um raciocínio

crítico. Sendo assim, o ato de pesquisar permite e reflete nas possibilidades de contribuir no processo de aprendizagem e também de formação (QUEIROZ *et al*, 2014). Além disso, o ser humano se constitui a partir da sua intervenção no mundo pelas relações sociais, em que a formação humana é produto das práticas sociais (QUEIROZ *et al*, 2014). Sendo assim, a educação é responsável pela formação de seres integrais, autônomos e críticos, que serão agentes nas transformações sociais.

A educação bancária é responsável por fazer acreditar que a procura pelo saber é uma responsabilidade do educando, que busca extrair do professor o conhecimento. Entretanto, a docência é também um processo constante de reaprendizado, renovando e interagindo com novos conhecimentos, assim, será capaz de contribuir para o processo de aprendizagem dos educandos.

A formação docente, de acordo com Maria Aparecida Oliveira Alves e Gislene Farias de Oliveira (2016), se constrói em um processo que é contínuo, sistemático e organizado, que foi denominado de formação contínua, por meio da qual o/a docente adquire conhecimentos, é capaz de desenvolver novas habilidades e atitudes que são responsáveis por favorecer um ensino de qualidade.

Nesse sentido, o/a professor/a comprometido com prática reflexiva é capaz de voltar a si mesmo identificando e preenchendo as lacunas existentes. Relembro um momento da minha experiência docente em que os/as alunos/as deixaram de interagir com as aulas. Neste momento, busquei estudar teorias e novas práticas de ensino que pudessem fazer com que os/as educandos se envolvessem mais nas aulas.

É necessário saber lembrar que “Não existe ensino de qualidade sem professor de qualidade (ALVES; OLIVEIRA, 2016, p. 03). Contudo, não se pode responsabilizar o insucesso e fracasso dos resultados de ensino pelos/as professores/as, pois trata-se também da existência das condições precárias de formação e de trabalho dos/as professores/as. Devemos reconhecer que apesar da precariedade, esses profissionais tem buscado construir práticas que elevem o ensino e a educação.

Além disso, a docência comprometida busca conhecer a realidade do/a aluno/a, o domínio dos conteúdos, a transformação da informação para o conhecimento e aprender com os alunos e seus domínios sobre o conteúdo estudado (ALVES; OLIVEIRA, 2016).

Sendo ao mesmo tempo objetos e sujeitos da formação, a reflexão da prática pedagógica é um exercício da aprendizagem, a respeito do qual decorrem encontros e desencontros, revisão e repensar práticas que levem em consideração os modos criativos, inovadores e transformadores, enriquecendo o processo pedagógico no qual educadores/as e educandos/as possam crescer conjuntamente no processo de formação (ALVES; OLIVEIRA, 2016).

As bases da docência como um processo inacabado de formação, são fornecidas através de, como sugerem Alves e Oliveira (2016, p. 07):

Assim sendo, a formação docente quando efetivada em bases teoricamente sólidas e fundada nos princípios de qualidade e de relevância social, permite que professores e alunos participem de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora tendo como essência o diálogo e a descoberta e, conseqüentemente, o reconhecimento das condições reais que contribuem para construção de novos conhecimentos.

Na Residência Pedagógica pude compreender que a prática pedagógica só pode ser efetivada com excelência quando levei em consideração a criatividade e participação autônoma dos/as educandos/as, trazendo uma nova perspectiva da relação dos/das estudantes com os jogos, trabalhando com a improvisação e o uso de materiais que desenvolvessem outras habilidades flexíveis nas aulas de educação física.

Isso só foi possível devido ao olhar crítico que realizei sobre os meus métodos de ensino, fazendo reflexão sobre a participação dos/as alunos/as nas aulas, sobre a minha relação com a teoria e a prática estudadas na Universidade e buscando estudar outros métodos de aprendizagem que levassem em conta a autonomia e maior participação dos/as educandos/as.

O estudo mais importante deste tópico trata-se da dissertação de Rosana Dias Fraga (2008), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Espírito Santo, o estudo teve como objetivo compreender a constituição da docência a partir das narrativas de 12 professores/as de Educação Física do Sistema Municipal de Ensino de Vitória.

Assim, Fraga (2008) revela que foi necessário contestar o entendimento de que a formação de professores/as se limita à aquela obtida nos cursos de ensino superior e também as práticas desenvolvidas, cotidianamente, por eles em seu contexto profissional. A pesquisadora mostra que outros períodos foram marcantes e

significativos para o seu processo de formação, tratando-se as experiências que antecederam a realização do curso (FRAGA, 2008).

A pesquisa de Fraga (2008) revela a importância da escrita deste memorial, tendo em vista que, buscou-se mostrar a minha trajetória no processo de formação docente, que se iniciou na infância, quando surgida a paixão pelo esporte e pela sala de aula.

Fraga (2008) sugere que a condição docente não pode ser compreendida como algo estável e acabado, mas uma dinâmica que é constituída por um processo constante de resignificação, mediante as relações que são estabelecidas pelos sujeitos socioculturais a partir das estruturas que compõe a vida social destes.

Assim, a pesquisa de Fraga (2008) mostra que a narrativa dos/as professores/as de Educação Física, no que tange à decisão de optar pela profissão, referem-se as práticas vivenciadas por eles/elas no período da infância, e adolescência, tal como na minha história de vida. Além disso, mostra que a docência se trata de um processo no qual as interações sociais e culturais que os sujeitos estabelecem ao longo da vida são responsáveis por constituir a sua identidade profissional (FRAGA, 2008).

Sendo assim, é preciso lembrar que a formação docente é, sem dúvida, uma construção da formação humana, que valoriza a reflexão constante do seu saber/fazer, da sua prática pedagógica, capaz de desenvolver postura crítica quanto a realidade do seu tempo, realizando uma transformação nas próprias práticas para que o educando seja capaz de produzir ações que transformem a realidade vivida.

6 CONCLUSÃO

Pensar a formação docente como um processo inacabado é acreditar que a autonomia e liberdade na educação são atos necessários para construção de uma sociedade livre, plural, diversa, justa e democrática.

Nesse sentido, os desafios por mim vivenciados revelam que muitas desigualdades ainda precisam ser cessadas em nossa sociedade. O/a estudante trabalhador/a ainda carece de políticas públicas e projetos que o permitam participar do tripé universitário (pesquisa, ensino e extensão), no qual muitas vezes é posto de lado pela falta de tempo e compromisso para suprimir as necessidades básicas.

Apesar disso, quando implementados, esses projetos realizam mudanças significativas nas práticas e nas atitudes dos jovens trabalhadores, que encontram neste momento a primeira experiência docente.

Têm-se aprendido que o exercício da profissão docente é marcado por inúmeros problemas, tais como as condições de trabalho, que influenciam nas práticas cotidianas escolares, bem como a reflexão e construção de uma educação que possa levar em conta a autonomia e liberdade dos educandos.

Contudo, o diálogo foi importante para suscitar o problema principal desta pesquisa: a formação docente como prática incansável, inacabável e interminável.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Aparecida Oliveira; OLIVEIRA, Gislene Farias de. Reflexão da prática pedagógica na perspectiva de uma formação docente contextualizada. **Id On line Multidisciplinary and Psychology Journal**, ano 10, n 29. Lisboa, 2016. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/394/516>. Acesso em: 25 set. 2021.

ANDRADE, Rosiane Aires Queiroz. *Et al.* A pesquisa e a reflexão na formação inicial do professor: um caminho inacabado. **VI Fórum Internacional de Pedagogia**. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/6238>. Acesso em: 25 set. 2021.

BRANCHER, Vantoir Roberto, *et al.* Formação do professor: um processo inacabado. **Revista Vydia**. V. 25, n 1. Natal, 2007. p. 17-26. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/381/355>. Acesso em: 26 de set. 2021.

ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. A educação em Paulo Freire como processo de humanização. **XII Congresso Nacional de Educação**. Curitiba, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

FRAGA, Rosana Dias. **Os/as professores/as de educação física e sua condição docente**: aprendizagens e sentidos da profissão. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/4604/1/tese_2545_ROSANA%20DIAS%20FRAGA.pdf. Acesso em: 25 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: < http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf>. Acesso em: 26 de set. 2021.

FOLHA VITÓRIA. **Pais de alunos entram na justiça para encerrar greve de professores**. Vitória, 2018. Disponível em:

<https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/2008/04/pais-de-alunos-entram-na-justica-para-encerrar-greve-de-professores.html>. Acesso em: 22 de abr. 2019.

PÁDUA, Antônio de. 130 anos após abolição, população negra ainda sofre com a desigualdade. In: **Correio Braziliense**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/13/interna-brasil,680301/130-anos-apos-abolicao-populacao-negra-ainda-sofre-com-a-desigualdade.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor Pesquisador: Mitos e Possibilidades. XXI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. **Revista Contrapontos**, v. 05, n 01. Curitiba, 2005. p. 09-22. Disponível em:< <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/802>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

ROCHA, Terezinha Sueli de Jesus; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. A educação libertadora e os fatores que interferem nos processos educativos. **Revista PUC-SP**. São Paulo, 2013. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/16972/12578>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SCHNEIDER, Mariângela Costa. **O protagonismo infantil e as estratégias de ensino que favorecem em turma de educação infantil**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Ensino. Lajeado, 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1050/1/2015MariangelaCostaSchneider.pdf>. Acesso em: 22 de mar. 2021.

SCHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, 256p.